

Debatendo Marxismo Clássico: um breve resumo.

Licenciando: Vitor Reis de Melo.

Resumo: neste presente artigo o foco é conceituar o Marxismo Clássico, assim, desprezamos outros desdobramentos dessa Ideologia como: Comunismo Ortodoxo, o Marxismo Moderno, o Marxismo-Leninismo. Os nossos autores são: o Ideólogo Político Andrew Heywood, o Marxista Tom Bottomore, os Professores Kalina e Vanderlei Silva, o Cientista Político Norberto Bobbio e o Filósofo Nicola Abbagnano.

Summary: In this this article the focus is conceptualizing Marxism Classic thus despise other consequences of this ideology as communism Orthodox, Modern Marxism, Marxism-Leninism. Our authors are: Political ideologist Andrew Heywood, the Marxist Tom Bottomore, the Kalina Teachers and Vanderlei Silva, the political scientist Norberto Bobbio and the Philosopher Nicola Abbagnano.

Segundo Andrew Heywood¹ e Geoff Eley, o conjunto de idéias nomeado Marxismo só nasce depois de advento da morte de Marx, que no final do século XIX (1883). É um esforço desses três grandes intelectuais: Karl Kaustsky², Georgi Plekhanov³ e Friedrich Engels⁴. Estes são os Pais do **Marxismo Clássico**— em cerca de uma década eles catalogaram as obras de Marx. Pois, no seu tempo Marx não era levado muito á sério. “Condensaram as idéias e teorias de Marx em uma visão de mundo sistemática e abrangente que correspondia às necessidades do movimento socialista em expansão”.(HEYWOOD, 2010, 125-26 p.). No entanto, a obra: *Anit-Dubring* é considerada pelos especialistas com Marxista Ortodoxa, pois, escrita com Karl Marx ainda vivo em 1876. “Ela enfatizava a necessidade de se aderir a uma interpretação oficial da obra de Marx”(HEYWOOD, 2010, 126 p.). Em meio a essa institucionalização do Marxismo é cunhado por Georgi Plekhanov o vocábulo *materialismo dialético*⁵. Este conceito marxista termina sendo uma das bases ideológicas do Comunismo Soviético. Comumente, o Marxismo é visto de maneira ambígua: “um determinista econômico, enquanto outros o declaram um Socialista Humanista”(HEYWOOD, 2010, 126 p.). Assim, Marx nunca tentou elaborar uma Ideologia, e sim, o seu foco era “revelar a natureza da evolução histórica e social, e não formular uma crítica ao Capitalismo” (HEYWOOD, 2010, 126 p.). Para Heywood⁶ o Marxismo Clássico têm três dimensões: a Filosofia; a Economia e a Política.

¹Ideólogo Político; Professor; Reitor ; Cientista Político;

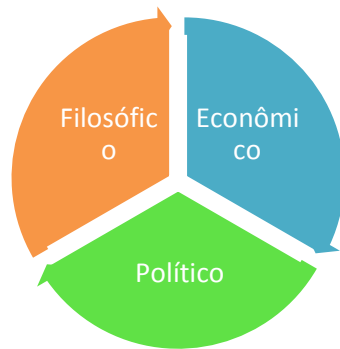
²Oriundo de Amsterdam(15-10-1854. Graduou-se m Viena em História, Economia Filosofia; Escritor da Imprensa Socialista; Ativista Político; Principal Ideólogo do SPD Alemão; um dos principais programas Erfurt; um dos líderes da Segunda Internacional.

³Nascido no vilarejo de Gudalova, na Província de Tambov, Finlândia (30-11-1856). Anti-Terrorista Político; agitador populista; defensor de Comuna Russa; Tradutor do Manifesto Comunista; um dos Criadores Emancipação do Trabalho(Axelrod, Ignatov, Deitch e Vera Zassulitch) sendo este o maior núcleo marxista russo do seu tempo;Influenciou Lenin; é o Pai do Comunismo Russo.

⁴Filho de um Comerciante têxtil; Educação Calvinista; Ativista Jovem Hegeliano; Crítico de Feuebach e Stiner; um dos organizadores do Marxismo braço direito de Marx até a sua morte.

⁵“Forma crua e determinista de marxismo que dominou a vida intelectual nos Estados Comunistas Ortodoxos” (HEYWOOD, 2010, 126 p.).

⁶Cientista Político da Faculdade Orpington nos EUA.



Marxismo Clássico (Filosofia). A sua alma é filosófica “é uma filosofia história que explica por que o capitalismo está condenado e por que o socialismo está destinado a substituí-lo, com base em uma análise supostamente científica” (HEYWOOD, 2010, 126 p.). Sua cientificidade está criticar outros grandes intelectuais socialistas como: Fourier; Owen e Saint-Simon. Para Marx estes foram Utópicos. Sua inovação foi que “realizou uma análise detalhada da história e da sociedade, esperando assim compreender a natureza dos acontecimentos futuros” (HEYWOOD, 2010, 126 p.). Assim, o seu cheque-mate aborrevativo o *materialismo histórico*⁷. No Prisma Heywood, o Sistema Econômico é a principal coluna da Sociedade, que através dela é despejada toda a ideologia capitalista na estrutura da Sociedade, ou seja, permeia e domina todo o Sistema.

Marx afirmava que as circunstâncias materiais são essências para todas as formas de desenvolvimento social e histórico (...) o ser social determina a consciência (...). Marx deu a essa teoria sua forma mais concisa ao propor que a consciência social e a superestrutura jurídica e política emanam da base econômica, o verdadeiro fundamento da sociedade. Essa base consiste, em essência, no modo de produção ou sistema econômico – feudalismo, capitalismo, socialismo etc. Isso o levou a concluir que os aspectos políticos, jurídicos, culturais, religiosos e artísticos da vida, entre outros, podem ser explicados primordialmente com base nos fatores econômicos (HEYWOOD, 2010, 127 p.).

Entretanto, em meio a toda oposição de Marx ao Idealismo Hegeliano. Marx defendia a *dialética*⁸, isto é, as forças opositoras internas de um sistema o forçam naturalmente para o progresso. E Hegel idealizava o Espírito do Mundo, isto é, a

⁷ “Teoria marxista segundo a qual as condições materiais ou econômicas estruturam o direito, a política, a cultura e outros aspectos da existência social” (HEYWOOD, 2010, 126 p.).

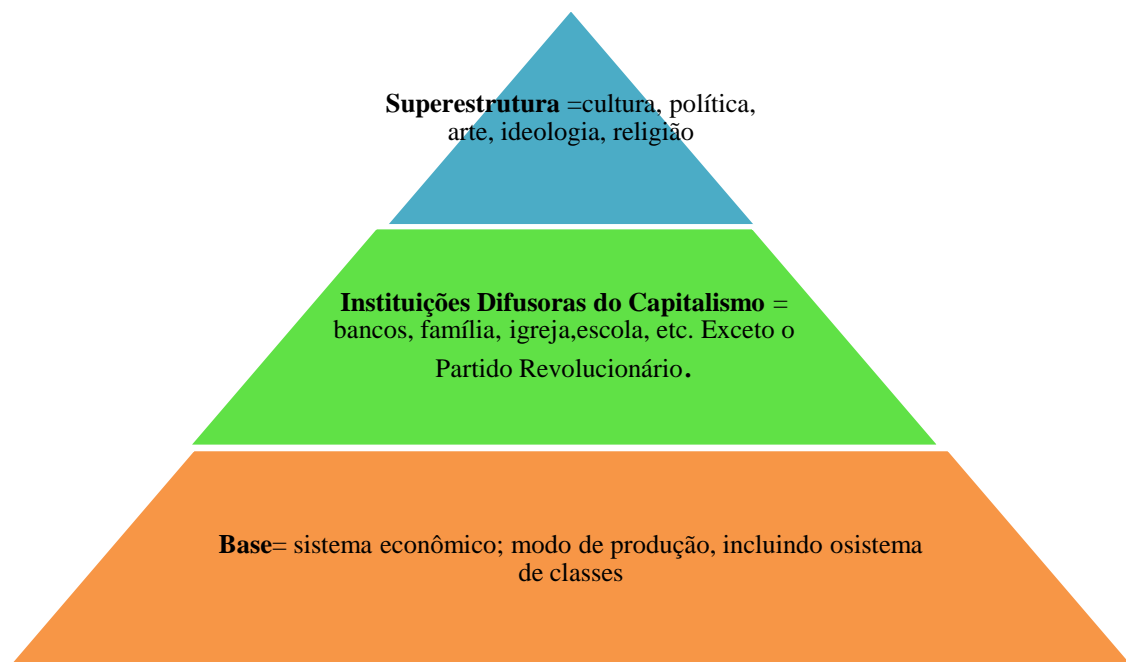
⁸ “Processo de desenvolvimento em que a interação entre duas forças opostas leva a um estágio mais avançado ou mais elevado; mudança histórica resultante de contradições internas na sociedade” (HEYWOOD, 2010, 127 p.).

próprio desenvolvimento intelectual humano gera o progresso. Assim, o que é moderno hoje amanhã entra em desuso. Tudo isso é um progresso que acontece paulatinamente. Mas, é contínuo. O que diferencia Marx dos demais Socialistas anteriores ao seu tempo é a sua genialidade. Segundo Engels:

Marx, conforme afirma Engels, inverteu Hegel, e conferiu à dialética hegeliana uma interpretação materialista. Marx explicou assim a mudança histórica com base nas contradições internas de cada modo de produção, que emanada existência da propriedade privada. Portanto, o sistema capitalista está condenado porque contém sua própria antítese, o proletariado, visto por Marx como o coveiro do capitalismo. O conflito entre o capitalismo e o proletariado levará a um estágio superior de desenvolvimento instaurando uma sociedade socialista e, por fim, comunista (Engels apud HEYWOOD, 2010, 127 p.).

4

Segundo Heywood este é o gráfico ideológico do materialismo histórico de Marx.



Marx idealizava um Comunismo sem Classes. Pois, o poder estava localizado sempre nas mãos dos mais ricos. Na obra Ideologia Alemã (1846), Marx sintetiza três etapas do conflito social interno. A Primeira, devido, a escassez material no contexto da Sociedade Tribal (Comunismo Primitivo). A Segunda, devido, a escravidão nas Sociedades Clássicas. A Terceira, devido, o Feudalismo Medieval, na Europa Medieval. A Quarta, devido, Capitalismo.

A História Humana, portanto, havia se caracterizado por uma longa batalha entre opressores e oprimidos, exploradores e explorados. No entanto, concordando com Hegel, Marx vislumbrava o fim da História, que ocorreria quando se construísse uma sociedade que não contivesse contradições internas ou antagonismo. Para Marx, isso significava o comunismo. Uma sociedade sem classes baseada na propriedade comum dos bens produtivos. Com a instauração do comunismo. Chegaria ao fim o que Marx chamava de pré-história da humanidade (HEYWOOD, 2010, 128 p.).

Marxismo Clássico (Economia). Segundo Heywood, em seus primeiros escritos, um dos pilares das críticas de Marx ao Capitalismo é *alienação*⁹. O trabalhador nunca vê o todo, enquanto, o tecelão medieval trabalhava em todas as etapas, em casa fazendo o seu próprio horário de trabalho. A Revolução Industrial, o tirou de casa, tirou os meios de produção, trabalhando no horário em que o patrão quer, conhecendo apenas a sua fase da produção. A exceção é o encarregado, que são os olhos do patrão. O trabalho não incentiva a criatividade e não lhe traz prazer. Por isso, Marx defendia a idéia de exploração dos Burgueses¹⁰ a Classe Dominante, que adentra o Proletariado¹¹. Na obra Manifesto Comunista, “a história de todas as sociedades existentes até então é a história da luta de classes” (HEYWOOD, 2010, 129 p.). Para Karl Marx os grandes agentes condutores, mudadores ou conservadores da história são as classes ou grupos, nunca os indivíduos. A exploração da Classe Dominante se materializa por meio da *mais-valia*¹², isto é, a diferença entre o que o trabalhador ganha e o que ele produz. O

⁹“No sentido que lhe é dado por Marx, ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados [1] aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou [2] à natureza na qual vivem, e/ou [3] a outros seres humanos, e – além de, e através de, [1], [2] e [3] – também [4] a si mesmos (às suas possibilidades humanas constituídas historicamente). Assim concebida, a alienação é sempre alienação de si próprio ou autoalienação, isto é, alienação do homem (ou de seu ser próprio) em relação a si mesmo (às suas possibilidades humanas), através dele próprio (pela sua própria atividade). E a alienação de si mesmo não é apenas uma entre outras formas de alienação, mas a sua própria essência e estrutura básica. Por outro lado, a “autoalienação” ou alienação de si mesmo não é apenas um conceito (descritivo), mas também um apelo em favor de uma modificação revolucionária do mundo (desalienação)” (BOTTMORE, 2012, 18-19 p.).

¹⁰ “A burguesia, enquanto classe economicamente dominante nesse sentido, que também controla o aparelho de Estado e a produção cultural (ver CLASSE DOMINANTE), opõe-se a, e está em conflito com, a CLASSE OPERÁRIA, mas, entre essas “duas grandes classes” da sociedade moderna, há “camadas intermediárias e de transição”, que Marx também chamou de CLASSE MÉDIA” (BOTTMORE, 2012, 70 p.).

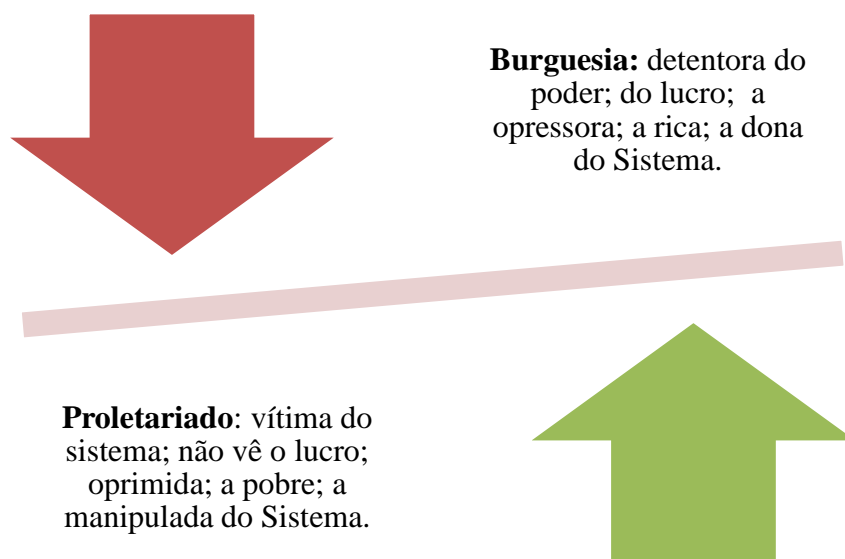
¹¹“Para Marx e Engels a classe operária, engajada em sua luta contra a BURGUESIA, era a força política que realizaria a destruição do CAPITALISMO e uma TRANSIÇÃO PARA O SOCIALISMO: era “a classe a que pertence o futuro” como escreveu Marx em seu prefácio à *Enquête Ouvrière* em 1880” (BOTTMORE, 2012, 113 p.).

¹²“é a forma específica que assume a EXPLORAÇÃO sob o capitalismo, a *differentiaspecificado* modo de produção capitalista, em que o excedente toma a forma de LUCRO e a exploração resulta do fato de

trabalhador tem o seu salário fixo, o lucro do patrão está sempre em ascensão. E nunca esse lucro é dividido entre os empregados.

A exploração econômica é, dessa forma, uma característica fundamental do modo capitalista de produção e independente da avareza ou generosidade de seus empregadores (...), como também cabe analisar a natureza do desenvolvimento desse sistema. Em particular, El chamou a atenção para a tendência capitalista a vivenciar crises econômicas cada vez mais profundas (...). Cada crise mais grave que a anterior, porque, segundo Marx, em longo prazo a taxa de lucro cairia. Isso inevitavelmente produziria condições em que o proletariado, a grande maioria da sociedade, iniciaria uma revolução (HEYWOOD, 2010, 129 p.).

6

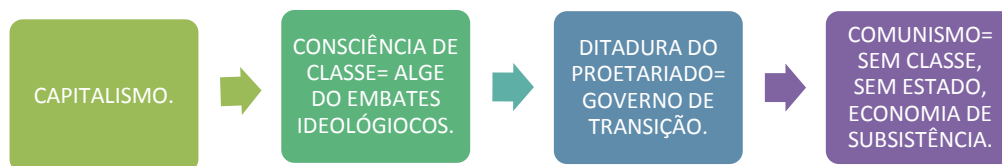


Marxismo Clássico (Político). Segundo Andrew Heywood, o ponto político mais do Marxismo Clássico é a Revolução Social¹³, que é a instituição total do

classe trabalhadora produzir um produto líquido que pode ser vendido por mais do que ela recebe como salário” (BOTTOMORE, 2012, 361 p.).

¹³“No primeiro esquema de desenvolvimento da história esboçado por Marx e Engels em *Aideologia alemã* (1845-1846), a ideia básica era a de uma sucessão de épocas históricas, cada qual fundada em um MODO DE PRODUÇÃO, e a revolução, em seu sentido mais pleno, significava um salto cataclísmico de um modo de produção para o seguinte. Este salto seria provocado por uma convergência de conflitos: entre as velhas instituições e as novas forças produtivas que lutam pela liberdade, e, menos impessoalmente, entre as classes dominantes e dominadas dentro da velha ordem, e entre a primeira e uma nova classe nascida para desafiá-la, até que, ao nível da revolução socialista, a velha classe explorada e a nova classe dominante fossem a mesma coisa. Posteriormente, Marx e Engels só tiveram tempo de pensar mais refletidamente sobre a revolução passada, presente e futura na Europa moderna. Marx havia iniciado, em 1843, um estudo das revoluções inglesa, francesa, norte-americana (conforme está indicado

Comunismo, em todos os aspectos sociais, e automaticamente o sepultamento do Capitalismo. Doravante, seria apenas um mito-histórico. Essa Revolução se localizaria nas Nações altamente Industrializadas e ricas, “onde as forças produção haviam se expandido até o limite no sistema capitalista” (HEYWOOD, 2010, 129 p.). O momento histórico dessa Revolução seria na maturidade (consciência de classe) da Classe Proletária, e com extremismo opositor das ideologias. “Assim, a revolução seria um ato espontâneo, realizado pela classe proletária que, com efeito, lideraria a si própria” (HEYWOOD, 2010, 130 p.). A Revolução quer derrubar o Estado Burguês Dominador, e estabelecer um Governo Transitório chamado de Ditadura do Proletariado¹⁴ até o estabelecimento do Comunismo.



Segundo Tom Bottomore, sobre o **Marxismo Clássico**: “A palavra “marxismo” era desconhecida durante a vida de Marx (...). É impossível, evidentemente, deduzir disso que Marx em princípio rejeitava a ideia de que um sistema teórico emergisse de sua obra, mas é evidente que ele não tinha a pretensão de oferecer uma visão de mundo global” (BOTTOMORE, 2012, 386 p.). A Ideologia Marxista Clássica teria um Pai somente, nasceu em 1894, durante a Segunda Internacional, por Georgi Plekhanov (1 p.). Este deu ao Marxismo uma visão mundial e a sintetizou com o conceito Materialismo Histórico (2 p.).

em seus cadernos de anotações). Todas haviam sido “revoluções burguesas” (embora a norte-americana também fosse nacional), isto é, lideradas por ambiciosos setores da burguesia e motivadas, no fundo, pela necessidade de expansão das novas forças capitalistas” (BOTTOMORE, 2012, 510 p.).

¹⁴“É um conceito fundamental do pensamento político de Marx e também do leninismo. Numa carta a J. Wedemeyer, datada de 5 de março de 1852, Marx negou que houvesse descoberto as classes ou a luta de classes, afirmando apenas que “o que fiz de novo foi provar: (1) que a existência das classes está apenas ligada a fases particulares do desenvolvimento da produção; (2) que a luta de classes leva necessariamente à ditadura do proletariado; (3) que essa ditadura constitui apenas a transição para a abolição de todas as classes e para uma sociedade sem classes” (BOTTOMORE, 2012, 183 p.).

Para Kautsky, o trabalho de Marx e Engels equivalia a uma teoria abrangente da evolução, que compreendia tanto a natureza como a sociedade humana, da qual fazem parte uma ética e uma visão do mundo materialista (biológica). O próprio Engels havia dado o primeiro passo nessa direção, a pedido dos líderes do Partido Social-Democrata (SPD) alemão, no *Anti-Dühring* (1878), obra (para a qual Marx contribuiu com uma pequena colaboração) que exerceu uma influência muito maior sobre a consciência dos militantes dos partidos socialistas do que a principal obra de Marx, *O Capital*, da qual apenas o primeiro livro foi publicado ainda durante sua vida (1867); os outros dois livros foram organizados e publicados por Engels (1885, 1894), com base em manuscritos e notas de Marx (BOTTOMORE, 2012, 386 p.).

Para o autor, o papel decisivo foi na obra *O Capital*, que é a materialização da visão do Proletariado Revolucionário criticando a lógica do Capitalismo Burguês. É uma visão materialista histórica “materialista no sentido de que o modo pelo qual a produção material é realizada (a técnica de produção, num sentido amplo) e é organizada (na terminologia de Marx, as “relações de produção” e, em textos anteriores, também “relações de troca”) constitui o fator determinante da organização política e das representações intelectuais de uma época” (BOTTOMORE, 2012, 386-87 p.). Essa Teoria tem um embate direto com a Ideologia dos Jovens Hegelianos “que pretendiam transformar as condições sociais e políticas por meio de uma simples transformação da consciência. Essa concepção alcançou sua expressão mais extremada na obra do pensador anarquista Marx Stirner” (BOTTOMORE, 2012, 387 p.).

Max Stirner, que concitava os seus concidadãos a “expulsar o Estado e a propriedade de suas mentes” e a se unirem numa “União dos Livres”. Contra essa perspectiva, Marx mostra que o Estado e a propriedade (dinheiro, etc.) não são, de modo algum, fantasias subjetivas, que desaparecem do mundo se forem ignoradas, mas reflexos de condições reais, que nem por isso, aliás, têm de ser aceitas como eternas e inalteráveis (BOTTOMORE, 2012, 387 p.).

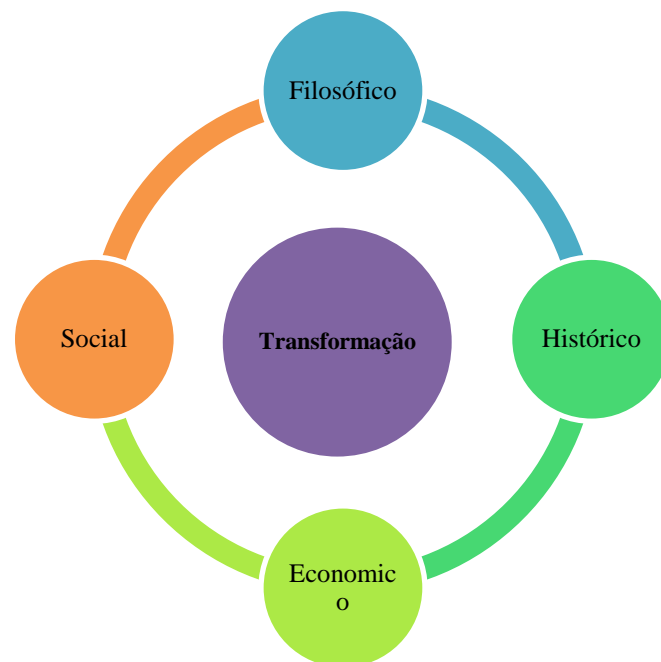
Segundo Kalina Vanderlei¹⁵ e Silva Maciel Henrique Silva¹⁶, o **Marxismo Clássico** apesar de sua origem está no século XIX, mas, é no XX que ela toma proporções inimagináveis. Pois, se dobra como um saber sócio-histórico. Assim, o Marxismo é segundo os Autores tem as seguintes características: é Racionalista; é Realista Interpretativo-Histórico; e determinista econômico como base de estudo das Sociedades. Filosoficamente, inovou o seu tempo, principalmente no XIX.

¹⁵ Professora-adjunta da Universidade de Pernambuco e doutora em História pela UFPE. Coordenadora do Grupo de Estudos História Sociocultural da América Latina – (Universidade de Pernambuco).

¹⁶ Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco – cefet-pe e mestre em História pela ufpe. Pesquisador do Grupo de Estudos História Sociocultural da América Latina – (Universidade de Pernambuco).

Marx foi o primeiro a mostrar que o significado de uma teoria só pode ser compreendido em relação à prática histórica correspondente. Uma teoria não pode ser pensada e entendida sem correspondência com o contexto histórico. Toda teoria deve, portanto, estar enraizada na realidade histórica e dizer alguma coisa que possa transformá-la. Dessa forma, Marx buscou conciliar reflexão filosófica e prática política, teoria e práxis (entendida como a ação humana que transforma o mundo e transforma a si mesma). Em direção a uma sociedade sem exploradores ou explorados, o projeto marxista incluía a união da Filosofia, da Política e do movimento social da classe explorada para se construir uma *síntese verdadeira*, uma sociedade superior em que cada um desses elementos seria transformado. A teoria marxista aborda a realidade sob vários prismas: o filosófico, o histórico, o social e o econômico. Essa realidade é pensada não de forma fixa, mas em movimento, em sua mudança. Daí que a grande preocupação filosófica de Marx era o *devenir*¹⁷ histórico, ou seja, a transformação (SILVA e SILVA, 2005, 267 p.).

Para os autores, o Marxismo não pode se desconectar do seu contexto histórico. Suas duas bases teóricas são o materialismo dialético e o histórico, as idéias de Marx vão mexer com os Intelectuais das áreas de Humanas do Século XX. Seus textos permitem ter incontáveis. São quatro grandes dimensões em transformação:



Segundo os autores, nem mesmo Marx teria pensando nas proporções que suas idéias tomariam, mas, é admirado pelos Conservadores, Anarquistas, Sociais Democratas e outros. Todavia, o Marxismo sofre com ataque de ser simplista. É só

¹⁷ “Uma forma particular de mudança, a mudança absoluta ou substancial que vai do nada ao ser ou do ser ao nada” (ABBAGNANO, 2007, 267 p.).

observar as proporções que o Marxismo tomou um Dicionário não daria para explicá-lo. As suas proporções não podem ser medida no século XX:

A doutrina de Marx não é, de modo algum, clara e simplista como muitos autores deram a entender. Houve ainda a cristalização de algumas interpretações dogmáticas, que vulgarizaram versões adulteradas do marxismo. Quando falamos de marxismo no século xx, já não falamos de Marx, mas de versões e interpretações de sua obra: ou seja, falamos de leninismo, de trotskismo, de stalinismo, de maoísmo, da interpretação de Rosa Luxemburgo, de Che Guevara etc. Todos pensadores e líderes políticos que estabeleceram determinada versão doutrinária do marxismo denominada “marxismo ortodoxo”. Estamos falando ainda dos chamados “marxistas ocidentais”, que contestaram o “marxismo ortodoxo”, como George Lukács, Karl Korsch, a Escola de Frankfurt, Louis Althusser, entre outros. A revisão da Escola de Frankfurt e a interpretação proposta pelo francês Althusser anteciparam inclusive o chamado pensamento pós-moderno (SILVA e SILVA, 2005, 268 p.).

10

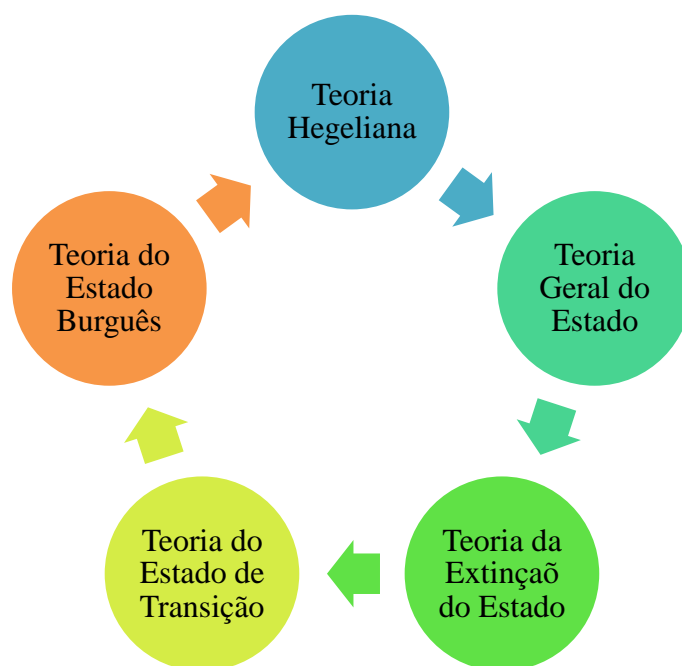
Entretanto, os Pensadores que estudam Marxismo “não era a última palavra em questão de Filosofia e de Política” (SILVA e SILVA, 2005, 268 p.). As obras de Marx não podem muradas em uma perspectiva. E sim, ela é multidimensional. “Ou seja, o marxismo (ou o que foi entendido dele) fez escolas de pensamento no campo da Sociologia, da História, da Economia, da Filosofia, da Geografia, entre outros ramos do conhecimento. Sob o rótulo de interpretações “marxistas”, muitos trabalhos (alguns excelentes, e outros de qualidade duvidosa) foram produzidos ao longo do tempo” (SILVA e SILVA, 2005, 268 p.). O Marxismo atingiu as três principais dimensões da comunicação do século XIX e XX: a imprensa; a academia e a política. Serviu de inspiração a Revolução Russa de 1917, sua base teórica era O Capital. E movimentos Reacionários. Essa é a visão de Castoriadis a respeito do Marxismo:

um conjunto de ideias que se refere a uma realidade não para esclarecê-la e transformá-la, mas para mascará-la e justificá-la. Tornou-se ideologia em três sentidos: ideologia oficial dos países ditos “socialistas”, que ensinavam aos estudantes versões simplistas e mesmo pouco confiáveis do marxismo; ideologia das várias *seitas* derivadas do marxismo oficial, que sustentavam possuir a “verdade absoluta” do pensamento marxista; e, finalmente, tornou-se ideologia no sentido de uma teoria social e histórica para a explicação do real. O fato, entretanto, para Castoriadis, é que o marxismo referente à ideologia de Estados ou de partidos deixou de funcionar como “teoria viva” para a explicação da realidade. Se, para esse autor, não há mais o que se possa fazer à teoria marxista para torná-la de novo fecunda na análise, muitos outros pensadores ainda sustentam a riqueza do pensamento marxista. Aquilo que o marxismo se tornou, reconhece Castoriadis, não deve ser imputado a Marx, pois este sempre denunciou de modo implacável as frases vazias, as ideologias, exigindo a autocrítica permanente (CASTORIADIS apud (SILVA e SILVA, 2005, 269 p.).

Segundo os autores outra opinião de Cornelius Castoriadis:

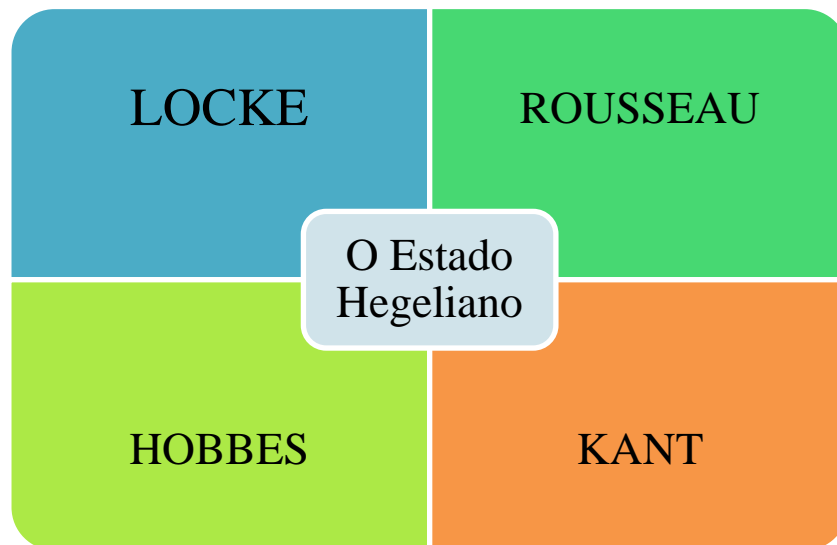
Para Castoriadis, na visão marxista, as classes sociais só são atores históricos ao mesmo tempo em que os atores de teatro o são: recitam um texto previamente dado e executam gestos predeterminados, cujo sentido final e inexorável ninguém consegue impedir. Para esse crítico do marxismo, a luta de classes e o determinismo econômico são maneiras de explicação contraditórias, não havendo, assim, no marxismo uma verdadeira “síntese” (produto final, positivo, superior à condição anterior, resultante da contradição existente na sociedade), mas só o esmagamento da luta de classes em benefício do determinismo econômico (CASTORIADIS apud (SILVA e SILVA, 2005, 269-70 p.).

Segundo Sérgio Pistone¹⁸, o Marxismo é uma Teoria contra o Estado Burguês: “o conjunto das idéias, dos conceitos, das teses, das teorias, das propostas de metodologias científicas e de estratégias políticas e, em geral, a concepção do mundo, da vida social e política” (BOBBIO, 1998, 738 p.). Existe corrente ideológica no interior do Marxismo que tentam desassociar as idéias de Engels as de Marx. Para Pistone não há como negar a existência de vários Marxismos: “o Marxismo da Segunda e da Terceira Internacional, o Marxismo revisionista ortodoxo, vulgar, duro, dogmático, etc.” (BOBBIO, 1998, 738 p.). Todavia, o assunto é o Marxismo Clássico, e não os seus desdobramentos. O Marxismo é contra o Estado: “Marx propõe uma teoria do Estado estritamente ligada à teoria geral da sociedade e da história, que ele deduz do estudo da economia política” (BOBBIO, 1998, 738-39 p.). Gráfico da crítica de Marx ao Estado Burguês:



¹⁸Universidade de Turim.

Segundo Sérgio Pistone, o Marxismo é uma ideologia contra a ideia de Estado Hegeliano que possui quatro bases. O Estado de Locke: “como árbitro imparcial acima das partes, que impede a degeneração da sociedade natural, dirigida pelas leis da natureza e da razão, num Estado de conflitos permanentes e insolúveis” (LOCKE apud BOBBIO, 1998, 739p.). O Estado de Hobbes: “como a forma racional da existência social do homem, garante da ordem e da paz social que é o único interesse que todos os indivíduos viventes em sociedade têm em comum” (HOBBS apud BOBBIO, 1998, 739 p.). O Estado de Rousseau: “como expressão da vontade geral através da qual cada um, renunciando à liberdade natural em favor de todas as outras, adquire a liberdade civil ou moral e se torna mais livre do que antes” (ROUSSEAU apud BOBBIO, 1998, 739 p.). E por último o Estado de Kant: “como meio através do qual é possível realizar empiricamente o princípio jurídico ideal da coexistência das liberdades externas, pelo que sair do Estado natural para entrar no Estado social não é tanto efeito de um cálculo utilitário quanto de uma obrigação moral por parte dos indivíduos” (KANT apud BOBBIO, 1998, 739 p.). Assim, o Estado de Hegel não possui uma matriz própria.



Prosseguindo, o Estado Hegeliano aos olhos de Marx é Conservador¹⁹. Pois, esse Estado é: teórico; abstrato; Monárquico Constitucional; um organismo em torno do Rei. Para Karl Marx em síntese é isso:

¹⁹“Profundamente ambíguo e demoníaco, o poder político é, para o Conservadorismo, o cimento da sociedade que, seja qual for a sua estrutura, sem ele, cairia na anarquia. Ao mesmo tempo, porém, confiado ao homem, o poder é intrinsecamente tirânico, se não controlado. Daí a constante preocupação pelos mecanismos políticos de delimitação do poder e, principalmente, pela supremacia da lei, que o Conservadorismo muitas vezes erige em tabu intangível, como instrumento primário de estabilização dos

Importa destacar particularmente que a rejeição do método especulativo de Hegel leva Marx a inverter as relações entre sociedade civil e Estado (considerando este último consequência do método especulativo), afirmar a sua atenção bem mais sobre a sociedade civil sobre o Estado e, portanto, a divisar a solução do problema político não na subordinação da sociedade civil ao Estado, mas, pelo contrário, na absorção do Estado por parte da sociedade civil, na qual consiste a "verdadeira" democracia, na qual, segundo os franceses, "o Estado político desaparece" (...) e cujo instituto fundamental, o sufrágio universal, tende a eliminar a diferença entre Estado político e sociedade civil, pondo "no Estado político abstrato a constância da dissolução deste, como também da dissolução da sociedade civil" (BOBBIO, 1998, 740 p.)

Segundo Sérgio Pistone, o Marxismo não consegue ver o Estado Hegeliano como um cumpridor do seu papel que atenda a todos, isto é, como Superestrutura. Pois, para Marx o Estado é um Sistema de Instituições Políticas fortes e atendente da Sociedade. E centrada em relações materiais, que com o estabelecimento total do Comunismo a Superestrutura está condenada a desaparecer – é o fim do Estado. Um Estado submisso ao Sistema Social.

O Estado Hegeliano como Superestrutura para Marx é uma inversão de valores. A inversão de se localiza nas relações dos valores Capitalistas e inviram toda a Sociedade onde as coisas tomam a frente das pessoas. O ter é mais importante do que o ser. O estado Hegeliano é volátil. Essa Superestrutura está “destinada a ser absorvida na estrutura do Estado onde somente o homem pode conduzir uma vida racional e, portanto, destinada a desaparecer total ou parcialmente uma vez constituído” (KANT apud BOBBIO, 1998, 740 p.). O Estado Burguês é um Domínio de Classe.

O condicionamento da superestrutura política por parte da estrutura econômica, isto é, a dependência do Estado da sociedade civil, se manifesta nisto: que a sociedade civil é o lugar onde se formam as classes sociais e se revelam seus antagonismos, e o Estado é o aparelho ou conjunto de aparelhos dos quais o determinante é o aparelho repressivo (o uso da força monopolizada), cuja função principal é, pelo menos em geral e feitas algumas exceções, de impedir que o antagonismo degenerem em luta perpétua (o que seria uma volta pura e simples ao estado de natureza), não tanto mediando os interesses das classes opostas mas reforçando e contribuindo para manter o domínio da classe dominante sobre a classe dominada (BOBBIO, 1998, 741 p.) .

Segundo Sérgio Pistone, quando se fala de Estado automaticamente se fala de poder político, e Karl Marx o definiu em Manifesto Comunista como: “o poder

processos sociais. Na defesa do poder político, condição indispensável à convivência social que é necessário controlar, mas não destruir, o Conservadorismo encontrou meio de reagir ao contínuo e rápido avanço do progressismo” (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO apud REIS 1998, 255 p.).

organizado de uma classe para oprimir uma outra” (MARX apud BOBBIO, 1998, 741 p.). A Classe Dominante faz de tudo para manter o poder político por meio do dinheiro, quem mantém riqueza, mantém o poder, quem mantém o poder político. O Capitalismo conserva a sua lógica. Deixa o lucro sempre na mão dos Patrões. Pois, o Proletariado produz e consome. Todavia, não vê o lucro. É totalmente alienado. Permanece sempre como oprimido no Estado Burguês Hegeliano. Variando de acordo com o tempo lugar como Dominação Democrática ou Ditadura. “O Estado é a forma em que os indivíduos de uma classe dominante fazem prevalecer seus interesses comuns e em que se resume toda a sociedade civil de uma época” (BOBBIO, 1998, 741 p.). O Estado Hegeliano é Esquizofrênico:

é pura e simplesmente a passagem das prerrogativas soberanas, no interior do mesmo Estado burguês, do poder legislativo para o poder executivo, representado por aquele que dirige a administração pública; trata-se, em outros termos, da passagem dessas prerrogativas do Parlamento para a burocracia que, aliás, preexiste ao Parlamento, já que ela se formou durante a monarquia absoluta e constitui um "terrível corpo parasitário que envolve, como um invólucro (BOBBIO, 1998, 741-42 p.).

O Estado de Transição, para o Karl Marx, é a solução para o mundo, é o estabelecimento total do Comunismo. O Fim das instituições capitalistas burguesas. É uma nova Revolução Francesa, que não acaba com o estabelecimento de Napoleão, e sim, da Ditadura do Proletariado. Segundo Sérgio Pistone, “daquele aparelhode que a burguesia se serviu para exercer seu domínio, mas exige a destruição das instituições e sua substituição por instituições completamente diferentes” (BOBBIO, 1998, 742 p.). Um Estado Neutro-Partidário. Eis aí o Estado Segundo Marx que inspirou Lênin:

supressão do exército permanente e da polícia assalariada, substituindo-os pelo povo armado; funcionários eletivos ou postos sob o controle popular e, portanto, responsáveis e revogáveis; juízes eletivos e revogáveis; sobretudo sufrágio universal para a eleição dos delegados com mandato imperativo e, portanto, revogáveis; abolição da tão exaltada quão fictícia separação dos poderes ("A Comuna devia ser não um organismo parlamentar, mas de trabalho executivo e legislativo ao mesmo tempo"); e, enfim, tão ampla descentralização que permita reduzir a poucas e essenciais as funções do Governo central ("As poucas mas essenciais funções que ficassem ainda com o Governo central [...] seriam executadas por funcionários comunais e, portanto, profundamente responsáveis" (*Ibid.*, pp. 908-09). Marx chamou a esta nova forma de Estado "Governo da classe operária" (BOBBIO, 1998, 742-43 p.).

A extinção do Estado Hegeliano Moderno é o sepultamento do Capitalismo e suas ideologias. Para Marx isso é crucial. Enquanto nos Estados Modernos o Domínio de uma Classe é comum. O proletariado seria a Classe Dominante, todavia com outro tipo de comportamento: “classe operária substituirá, no curso de seu desenvolvimento, a

antiga sociedade civil por uma associação que excluirá as classes e seu antagonismo e não existirá mais poder político propriamente dito” (MARX apud (BOBBIO, 1998, 743 p.). O Estado construído pelo Proletariado é diferente, devido, a emergência do tempo, pois, é o último. O Estado de Transição acaba com desdobramentos incríveis – uma Sociedade sem Estado como uma Instituição Opressora. São duas principais características ideológicas interpretativas:

Estas duas características servem para distinguir a teoria de Marx, de um lado, da teoria social democrática, e, do outro, da anárquica. A primeira sustenta que a função do movimento operário é a de conquistar o Estado burguês internamente, não de "quebrá-lo"; e a segunda sustenta que é possível destruir o Estado como tal sem passar pelo Estado de transição. Contra a teoria social-democrática, Marx afirma, ao invés, que o Estado burguês não pode ser conquistado, mas tem que ser destruído; contra a teoria anárquica, afirma que o que deve ser destruído não é o Estado *tout court*, mas exatamente o Estado burguês, porque o Estado como tal, uma vez destruído o Estado burguês, está destinado à extinção. Separando os dois momentos, que estão dialeticamente unidos, da supressão e da superação, pode-se afirmar que a supressão do Estado burguês não é a supressão do Estado, mas é a condição para a sua superação. E é por isso que o Estado burguês tem que ser, primeiramente, suprimido, diversamente do que sustentam os social-democratas, para, em seguida, diversamente do que sustentam os anarquistas, poder ser superado (MARX apud (BOBBIO, 1998, 744 p.).

Entretanto, o Marxismo Clássico como é comum as Ideologias Políticas são abrangente demais. Assim, procurei apenas, trabalhar da maneira clássica, e não, tocar nas suas variantes. Pois, tomaria nos muito mais tempo e nos faria perder o foco. E trabalhei com atores apartidários com essa Ideologia, a exceção foi Tom Bottomore. O Marxismo Clássico é uma das Ideologias mais pulsantes nas áreas humanas no século XX tanto dentro como fora das academias.

Bibliografia:

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 1026 p.

BOBBIO, Norberto, 1909. *A teoria das formas de governo*. Tradução de: Sérgio Bath, 9ª edição. Brasileira: Editora Universidade de Brasília, 1997, 183p.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política I.* ; tradução: Carmen C, Varriale et ai. Coordenador de tradução: João Ferreira; rev.geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998. Vol. 1: 674 p.

BOTTOMORE, Tom, 1983. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Traduzido: Waltensir Dutra. Editora Jorge Zahar. Rio de Janeiro: 1983. 705 p.

ELEY, Geoff. *Forjando a Democracia. A História da Esquerda na Europa, 1850-200*. Tradução: Paulo César Castanheira. Editora: Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2005.

HEYWOOD, Andrew. *Ideologias Políticas, [v.1]: do Liberalismo ao Fascismo*. Tradução: Janaína Marco Antonio, Mariane Janikian. 1ª Ed. 1ª impressão. São Paulo: Ática, 2010.

SILVA, Kalina Vanderlei, SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos Históricos* – 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009.